



A História de Chico Rei

Rei que é Rei...

Era uma vez um rei africano que viveu escravo, e que depois viveu de novo rei, com direito a coroa, guardas de honra e séquito, em pleno Brasil Colônia. Ele foi Chico Rei.

Em meio aos muitos personagens que lutaram pela Abolição da escravatura no Brasil, lembrados neste 13 de maio, há um nome quase desconhecido, e por isso mesmo pouco festejado: Chico Rei. Enquanto Zumbi dos Palmares, a custa de músculos e muita determinação, construía quilombos livres da autoridade colonial, que mais tarde foram esmagados pelas forças sanguinárias do Bandeirante Domingos Jorge Velho, numa epopéia de heroísmo, sangue e traição, o negro Chico Rei criava uma bela história, possivelmente sem paralelo no mundo.

No século XVIII, em Ouro Preto, antiga Vila Rica, fundou um Reino Negro dentro da Colônia, com a anuência do governador-geral Gomes Freire de Andrade, o Conde de Bobadela, representante nas Gerais do Rei português D. João V.

Ponto para Bobadela, que espertamente estimulou a condição real de Chico, nascido Galanga, no império do Congo, para garantir que os negros - superiores em número na proporção de três para um, em relação aos brancos - não se rebelassem. Com isso, o lendário rei-escravo, respeitado até mesmo por traficantes de escravos, pôde devolver a liberdade, muito antes da Princesa branca, a cerca de 400 cativos, boa parte dos quais integrantes de sua antiga corte africana.

Monarca guerreiro e sumo-sacerdote do deus-Apungo, homenageado numa música de Martinho da Vila, Chico foi capturado no palácio real com todo seu séquito, por mercadores de escravos portugueses, enquanto seu exército combatia rebeldes jaguás em outras províncias.

Todos, inclusive seus familiares, foram trazidos sob ferros para o Rio de Janeiro. A Rainha Djalô, sua mulher, e a filha, princesa Itulo, também prisioneiras no fétido navio negreiro Madalena, foram jogadas no mar pelos traficantes, crenças que assim conseguiriam acalmar a ira da tempestade. Nos mercados de escravos do Rio, Galanga batizado com o nome Cristão de Francisco, pelo Padre André de Paiva, foi comprado junto com o filho Muzinga, pelo major Augusto de Andrade, rico explorador de ouro da antiga Vila Rica.

O historiador Agripa Vasconcelos, autor do livro mais completo sobre o personagem, revela que Chico, um homem inteligente e enérgico, ficou apenas cinco anos no trabalho pesado. Ao notar suas qualidades de liderança, o Major fez dele feitor de Mina da Encardideira. Quando o ouro começou a rarear, Gois decidiu deixá-la sob a responsabilidade do empregado de confiança, para que ficasse como uma simples Chácara no futuro.



Associação do Reinado do Rosário de Itapecerica

CGC: 18.765057/0001-47

Utilidade Pública Municipal nº 359/63

Rua Necésio Tavares, 47 – centro – 35550-000 – Itapecerica - MG

Nessa altura, Chico já havia pedido ao Padre Figueiredo que comprasse sua Carta de Alforria. Era portanto um homem livre, com o trabalho na Mina que, ao contrário do que pensava o Major, não estava esgotada. Chico adquiriu a área, ao mesmo tempo em que libertava o filho Muzinga.

Congada ou Congado Reinado

Ao lado do príncipe herdeiro, comprou a alforria de vários companheiros, entre eles, Mussuco, chefe de sua guarda pessoal; Quimba e Ivamu, ex-oficiais de seu exército e o médico real Inunu. Com isso, tornou-se um rei no exílio, respeitado pelo dinheiro e liderança junto aos negros. Mesmo assim, ele, a exemplo dos companheiros, trabalhava dia e noite extraindo ouro com auxílio de picaretas, pás e talhadeiras. Aos domingos, no entanto, ao lado da nova mulher, a mulata Antônia, filha do sacristão Canuto, da Igreja de Santa Efigênia, passeava pelas ladeiras de Vila Rica de Cetro e Coroa, devidamente paramentado como Rei. Ia rodeado pelos notáveis da corte, acompanhado por dançarinos de congado (Reinado, a dança milenar em sua Terra, que introduziu no Brasil).

É desnecessário dizer que não havia mais escravos em sua mina, somente homens livres, que ganhavam o pão com o suor do seu rosto e se encarregavam e libertar os outros escravos.

Até hoje o Congado (Reinado) tem como principais personagens Reis, Rainhas e a Guarda (Ternos) de Nossa Senhora do Rosário. Os dançarinos, quase sempre negros, usam fardas semelhantes às dos Marinheiros para lembrar a chegada dos escravos em navios negreiros.

O palácio do Rei, ex-escravo, era a Chácara da Encardideira, cujas ruínas ainda podem ser vistas na cidade, a partir da colina, onde está a Igreja de Santa Efigênia.

A mineração fez de Chico um homem rico – ao morrer, em 1781, deixou para Muzinga 400 potes com cerca de 100 quilos de ouro.

Foi também um dos responsáveis pela construção das igrejas de Santa Efigênia, santa negra nascida no Egito, e de N. Sra. do Rosário. A denominação se dá a essa divindade porque os negros, que não falavam o português, aprendiam a rezar com o Rosário.

A Igreja de Santa Efigênia, muito visitada por turistas, impressiona pela beleza do seu interior e pelas imagens pintadas de ouro. Sobre o Altar, uma figura de barrete vermelho, dizem que com traços semelhantes a Muzinga, como se fosse um papa negro, olha com aparente escárnio para a coroa portuguesa. Logo abaixo anjos com fisionomias de negros parecem concordar com ele. Na frente da igreja uma estátua de autoria de um escultor local, mostra o rei escravo com um imponente porte marcial.



Associação do Reinado do Rosário de Itapecerica

CGC: 18.765057/0001-47

Utilidade Pública Municipal nº 359/63

Rua Necésio Tavares, 47 – centro – 35550-000 – Itapecerica - MG

Conta a história que somente uma vez, o rei escravo teve sua autoridade questionada, foi quando um dos sucessores de Bobadela, o capitão-general D. Antônio José de Noronha gritou, exaltado, para que ele, sentado em frente a sua casa, se levantasse à sua passagem. Já velho, Chico tinha dificuldades para se locomover e, não fosse a pronta intervenção de seu amigo, o médico Timóteo Alves de Camargo, ele teria recebido 40 chibatadas dos dragões reais que acompanhavam o governador. Trinta dos ex-escravos alforriados que estavam na área teriam chacinado Noronha e o último de seus soldados. Mais uma vez Vila Rica esteve próxima de se tornar centro de uma insurreição negra.

Com a morte de Chico, aos 72 anos, Muzinga e seus seguidores abandonaram a cidade.

Ai então foi a história do congado (Reinado) como foi introduzido e queira Deus que esta tradição jamais acabe e que continue sendo sempre com muita festa e alegria, para homenagear N. Sra. do Rosário.

Fonte: Revista Kalunga – nº 166 – Maio/2002.

Pesquisador: Antônio Anielo D'Alessandro.